

# Projetos “Encontros” e “Caixa dos Horizontes Possíveis” - Grupo Poéticas Digitais\*

Gilbertto Prado

## Introdução

Vivre c'est passer d'un espace à l'autre, en essayant le plus possible de ne pas se cogner

Georges Perec [1]

Muitos dos trabalhos de arte no campo das chamadas “novas mídias” colocam em evidência seu próprio funcionamento, seu estatuto, produzindo acontecimentos e oferecendo processos, se expondo também enquanto potências e condições de possibilidade. Os trabalhos não são somente apresentados para fruição em termos de visualidade, ou de contemplação, mas carregam tam-

---

\*Agradecimentos: CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil e FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelos apoios recebidos.

bém outras solicitações para experienciá-los. Outras solicitações de diálogos e de hibridações [2] em vários níveis e também com outras referências e saberes, incluindo as máquinas programáveis e/ou de *feedbacks*, inteligência artificial, estados de imprevisibilidade e de emergência controlados por sistemas artificiais numa ampliação do campo perceptivo, oferecendo modos de sentir expandidos, entre o corpo e as tecnologias, em mesclas do real e do virtual tecnológico, como um atualizador de poéticas possíveis.

A arte é um sistema aberto e tem se constituído como um lugar de trocas e de contaminação e, certamente, nunca foi alheia ao conhecimento científico e técnico. [3] Porém, entre as dificuldades na realização e agenciamento, poderíamos apontar o uso e o entendimento das estruturas específicas, novas interfaces e dispositivos [4] e das distintas intervenções poéticas inerentes. Dificuldades também que muitas vezes se iniciam no estranhamento do uso de instrumentos digitais e suas lógicas operacionais. Essas dificuldades hoje se diluem, no que diz respeito à utilização, e se tornam recorrentes no uso cotidiano de máquinas, interfaces e utilitários, como computadores, navegadores, DVDs, câmeras digitais, celulares, GPS, caixas de banco, de metrô, de ônibus, sensores de presença etc.

Todavia, os trabalhos artísticos vão além dessas muitas aparências e páginas de código de programação, além dos dispositivos e interfaces e eventuais encantamentos e descobertas. Há também a discussão que eles trazem e a sutileza que incorporam, a necessidade desses novos olhares, ouvires, tocares e fazeres em outras conjugações. [5]

A tecnologia (assim como a ciência) não é neutra, nem sua presença, nem o uso que dela fazemos, inerte ou inocente. Mas também não podemos nos esquecer de que vivemos num mun-

do cercado de aparatos e interfaces tecnológicas. Vejo o uso da tecnologia como uma opção, uma escolha possível, mas que não poderia ser substituída por qualquer outra. Ela faz parte do nosso universo de referências e de vivências, onde pode ter um papel fundamental, mas não é ela quem determina o trabalho ou o processo artístico. A relação é outra, é de parceria. É o trabalho/ questão que aponta o que é necessário, indica liames, hibridizações, vetores. Cada trabalho é um processo, cada trabalho é um diálogo. O artista tenta explorar essas possibilidades e, de alguma forma, criar zonas de suspensão, abrir hiatos e sonhar o mundo em que vivemos.

Por meio da arte e do uso dos meios digitais em espaço público, podemos desenhar novas experiências em relação às cidades e nossos entornos. Desta forma, pretende-se ativar o desejo, o uso e o sentimento de pertencimento e diálogo nos espaços públicos, onde também estão os espaços de exibição, e não apenas em parques e locais usuais de lazer, mas de uma forma generalizada nos locais de uso cotidiano. Ações como estas pretendem também tornar a rua um local não apenas de passagem funcional, ou seja, do uso exclusivo para ir de um lugar a outro, mas de passagens e convivências sem prévia orientação.

A presença das tecnologias nos espaços de trânsito tem produzido um novo tipo de temporalidade e sociabilidade. Instauraram uma nova maneira de perceber os espaços e seus modos de percorrê-los. Geramos, assim, uma malha invisível e imaterial produzida pelo atravessamento das tecnologias eletrônicas e digitais nos espaços – não mais como objetos estranhos, mas incorporados e embutidos no ambiente.

Em *Paris: Ville Invisible*, Bruno Latour e Emilie Hermant, [6] em texto e imagem, nos trazem uma perspectiva dessas ma-

lhas invisíveis que atravessam o subsolo e o espaço aéreo das cidades. Chamam-nos a atenção para os dados fornecidos por sensores instalados fisicamente no espaço urbano com suas salas de visualização e monitoramento à distância. São câmeras de segurança, de trânsito, de semáforos, de transmissão telefônica, do volume de água das represas, dos esgotos, dos aviões etc. Tudo isso para manter a cidade em funcionamento e supostamente em condição estável. Pois, essas redes (de controle ou não) somente são percebidas no momento em que falham ou são abaladas por catástrofes, fenômenos naturais ou em intervenções, – que nos deslocam do nosso cotidiano usual.

É importante remarcar que todos esses novos processos que atestam a presença e a influência da tecnologia da comunicação informatizada no cotidiano do cidadão contemporâneo representam novos contextos para a reflexão e o fazer artístico, ganhando inclusive um enorme espaço com o público leigo. É todo um imaginário social e artístico que está em jogo e em transformação. Espaços de transição, eles funcionam como ativadores ou catalisadores de ações que se seguem e se encadeiam.

Segundo Ascott: “O significado não é algo criado pelo artista, distribuído através da rede, e *recebido* pelo observador. O significado é o produto da interação entre o observador e o sistema, o conteúdo que está em estado de fluxo, de mudança e transformação sem fim.” [7] Para Prado [8] o artista propõe um contexto, uma exploração de relações entre seres e coisas, um quadro sensível em que algo pode ou não ser produzido. Na medida em que o indivíduo se move, seu raio de ação de pertencimento pode ser ativado por outros elementos. Então, podemos pensar na permeabilidade destes espaços partilhados, procurando uma abordagem mais poética para a cidade, para permitir a

troca, descoberta, criação e experiência, lembrando O'Rourke, que “o mapa do ambiente engloba tanto as imediações, físicas e urbanas, e através das nossas próprias percepções e ações como pedestres, e através desses filtros ideológicos e culturais que vemos essa experiência”. [9] Isso leva o indivíduo a se sentir como pertencente à rua, a praça, aos espaços públicos, independentemente se eles têm ou não grande infraestrutura envolvendo-o em um estado de harmonia e compromisso em suas interações diárias com a cidade.

Uma das intenções dos projetos do Grupo Poéticas Digitais é trazer trabalhos interativos com uma estrutura híbrida, não necessariamente modificáveis com a intervenção direta e imediata do público, mas que suas ações sejam incorporadas em um sistema maior. São acoplamentos de elementos usuais ou cotidianos, como árvores (Projeto Amoreiras) [10] [11], antenas (ZN:PRDM) [12], com dispositivos e próteses aparentes, mecanismos eletromecânicos, celulares etc., num mesmo conjunto. Pois o público fica sem saber o que fazer, num embate entre intervir ou não intervir, entre tocar ou não tocar. Pode ou não pode? (Questão essa que permeia nossa vida, que sempre foi híbrida em todos os sentidos, com suas fronteiras, matrizes e matizes).

Creio ainda que esta relação de conjunto/objeto construído e da quase não ação direta nos sistemas imprime um “quase” espaço de contemplação em oposto à quase sempre obrigação de ação/intervenção nos ambientes interativos. É nesse “quase” que ficam os ruídos, seja pelos deslumbramentos dos desvios possíveis, seja na descoberta poética de diferentes formas de percepção do outro e da nossa complexa posição dentro dessas redes e sistemas.

## Encontros

Daqui se vê muito água e céu, constelações de árvores e cipoais intransponíveis. Paisagens, como deveriam ser, sem fim, letárgicas como o tempo que flui entre um mergulho e um assobio. Daí se vê o que é, o tempo que passa nas rugas e nas vestes puídas.

O suave toque das mãos-moças de sorriso aberto que enfeitam os botos, nos enchem de doces, e nos levam para o fundo do rio, sem volta.

A experiência do rio é fluxo, marrom ou preto, intransponíveis, estremes, num fundo que não se deixa ver de igarapés imaginários.

Dois aparelhos celulares exibem, em suas telas, uma sequência de vídeos compostos por fluxos de águas de duas tonalidades distintas. Temos, de um lado, a predominância de água na cor preta e, do outro, na cor marrom.

Os vídeos foram produzidos pelos artistas em viagem pelo Rio Amazonas. [13] O dispositivo conta com placas arduino que foram programadas para permitir a troca de dados e vídeos para os celulares. O sistema busca informações online, de modo a refletir as mudanças das marés e das fases da lua, de um lado, em contraponto ao fluxo de acesso à palavra “encontro” em diversos idiomas: (Mandarim: 会议 ; Inglês: meeting; Espanhol: encuentro; Português: encontro; Hindi: बैठक; Árabe: عاامتجا; Russo: встреча; Japonês: 会合; Francês: rendez-vous; Alemão: treffen; Indonésio: pertemuan; Polonês: spotkanie). Desta forma, é ativada a movimentação dos motores, o tensionamento da mola e o conseqüente deslocamento dos celulares com os vídeos de água marrom e negra que vão se justapondo no percurso.

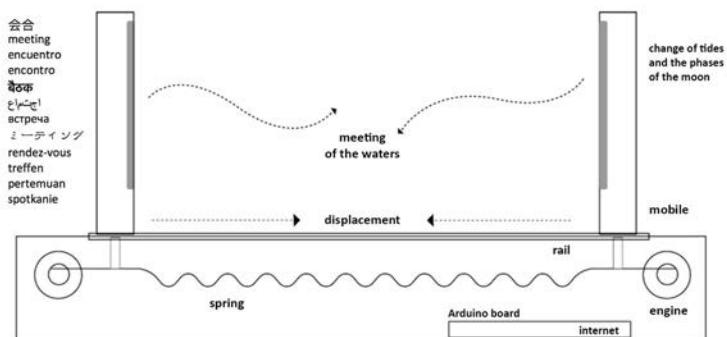


Figura 1 - Encontros: Diagrama da obra / Encontro das Águas; confluência entre os rios Negro e Solimões



Figura 2 - Encontros: Museu Nacional de Wrocław, 16th Media Art Biennale WRO, Polônia, maio de 2015.

Ao receberem informações em tempo real sobre as mudanças das marés e também do volume de buscas pela palavra “encontro”, os aparelhos começam a se deslocar lentamente indo e vindo sobre o trilho do dispositivo criado. A mola, ao mesmo tempo em que distende, tensiona, demarcando o espaço e o curso do fluxo/movimento. Nos breves momentos de quase encontro, no limite da aproximação e da compressão da mola, é possível notar uma leve mistura do marrom e negro das águas que se mesclam e, simultaneamente, a impossibilidade do encontro.

O Grupo *Poéticas Digitais* neste projeto está formado por: Gilberto Prado, Andrei Thomaz, Agnus Valente, Clarissa Ribeiro, Claudio Bueno, Daniel Ferreira, José Dario Vargas, Luciana Ohira, Lucila Meirelles, Mauricio Taveira, Nardo Germano, Renata La Rocca, Sérgio Bonilha, Tatiana Trivisani e Val Sampaio.



Vídeo disponível em: <<https://vimeo.com/127350193>>

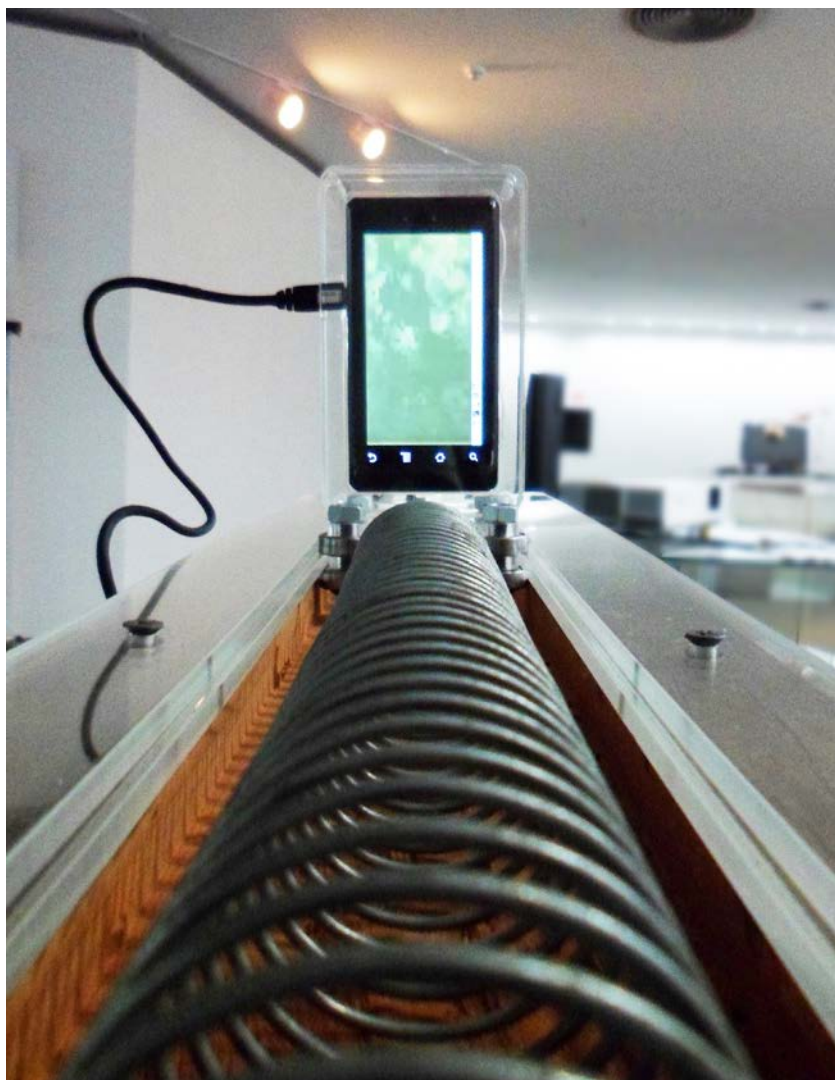


Figura 3 - Encontros: Museu Nacional da República, Brasília, 2012.

*Encontros* foi exposto na mostra *EmMeio#4*, no Museu Nacional da República, em Brasília, com *curadoria* de Suzete Venturelli, em outubro de 2012; na exposição *Continuum - IV Festival de Arte e Tecnologia do Recife* – Centro Cultural Correios, PE, em julho de 2013; *Singularidades/ Anotações: Rumos Artes Visuais 1998-2013*, sobre a memória dos primeiros 15 anos do programa Rumos, Itaú Cultural, setembro de 2014; 16th Media Art Biennale WRO, Wrocław, Polônia, em maio de 2015 e ISEA 2017/16<sup>th</sup> Image Festival, Manizales, Colombia em junho de 2017.

## **Caixa dos Horizontes Possíveis**

“Caixa dos Horizontes Possíveis” consiste em um cubo, espelhado verticalmente sobre o Espaço Quadrado do Paço das Artes, traçando uma fenda de luz que corta o espaço ao meio, de modo a configurar quatro horizontes suspensos na altura do olhar. O espectador pode se deslocar em torno dessa caixa fazedora de horizontes nos levando para dentro e fora do espaço expositivo, nos aproximando dos quatro pontos cardeais, onde a distância é percebida como uma linha que confunde o céu e o mar.

“Caixa dos Horizontes Possíveis” transforma o Espaço Quadrado, no Paço das Artes São Paulo, em possibilidade concreta de se olhar para fora do museu, da caixa, do cubo branco.

Cubo cortado por um horizonte artificial, mutável, a caixa convida a investigação, e ao mesmo tempo se mantém como obstáculo ao acesso efetivo. Operando entre a curiosidade e o minimalismo, resignificando, antes de mais nada, o próprio espaço do Paço das Artes, os horizontes potenciais vão se alterando, acompanhando através de uma reconstrução artificial a luz de vários horizontes

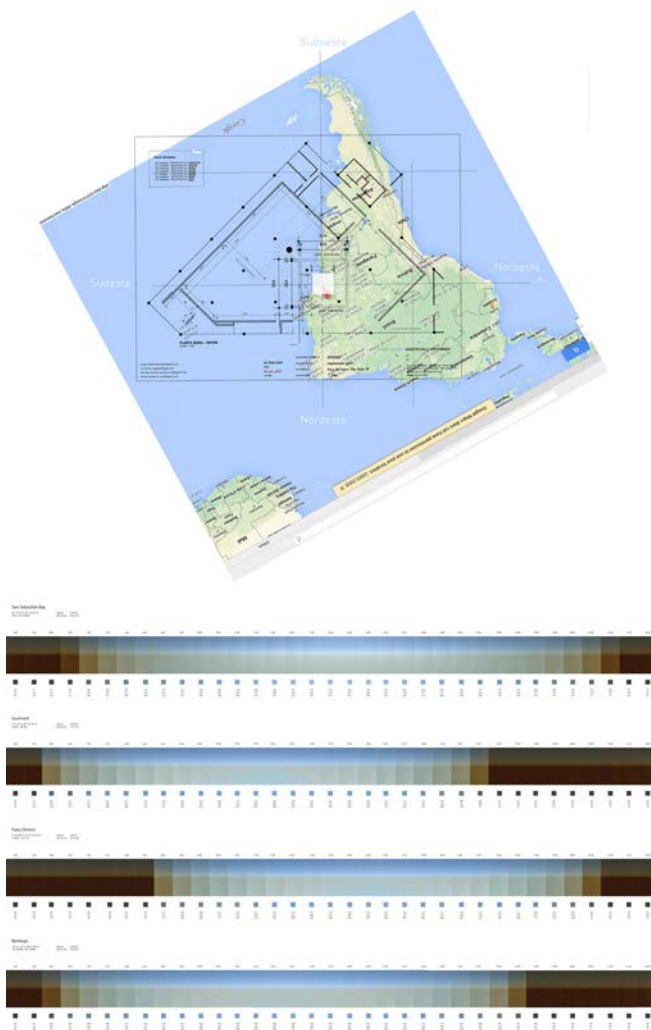


Figura 4 - Posição geográfica relativa do Paço das Artes, no mapa da América do Sul e dos horizontes a serem trabalhados na instalação interativa. Variação da luz dos horizontes nos 4 pontos mapeados (Sant Sebastian Bay, Guamaré, Paita District, Bertioga) para cada lateral/face da caixa, simultaneamente nos períodos de transformação das auroras e por do sol, no transcorrer da exposição. Espaço Quadrado, Paço das Artes, São Paulo, 2014.

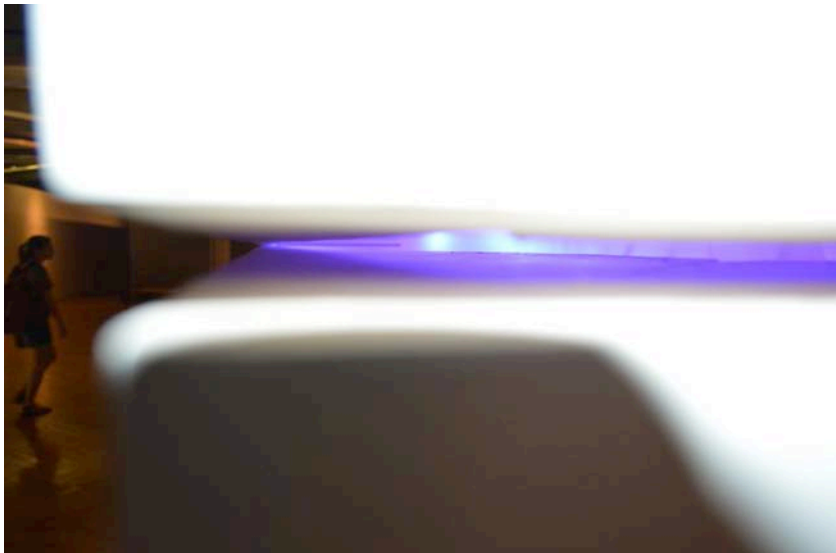


Figura 5 - Caixa dos Horizontes Possíveis, instalação interativa, Espaço Quadrado, Paço das Artes, São Paulo, 2014.

Partindo de uma interrupção no espaço (o Espaço Quadrado tem não só um muro que circunda, mas também um piso rebaixado em relação ao resto do edifício) e transformando a interrupção original em campo poético, “Caixa dos Horizontes Possíveis” cria um atrator, uma espécie de horizonte possível, potencial, reconfigurante, uma possibilidade de ver de algum modo através da fisicalidade do Paço, e, por que não, da própria obra.

O Grupo Poéticas Digitais neste projeto esteve composto por Gilberto Prado, Agnus Valente, Andrei Thomaz, Claudio Bueno, Ellen Nunes, Leonardo Lima, Luciana Ohira, Maria Luiza Fragoso, Maurício Trentin, Nardo Germano, Renata La Rocca e Sérgio Bonilha. O trabalho foi apresentado no Espaço Quadrado, no Paço das Artes, São Paulo, como uma exposição individual do grupo, de 1 de novembro a 7 de dezembro 2014.

Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-CRd9-uysmAQ>>

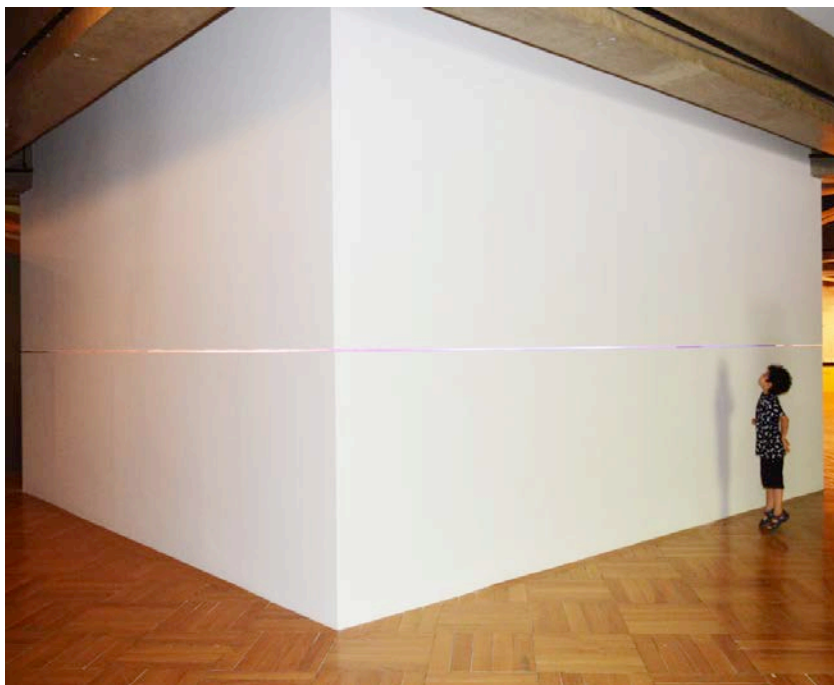


Figura 6 - Caixa dos Horizontes Possíveis, instalação interativa, Espaço Quadrado, Paço das Artes, São Paulo, 2014.

## Notas

- [1] Viver é ir de um espaço para outro, tentando, na medida do possível, não bater em coisas. Tradução livre do autor. PEREC, Georges. *Espèces d'espaces*. Paris: Galilée, 1974, p. 14.
- [2] Peter Anders propõe o termo “espaço híbrido” para as novas relações de hibridizações e cibernética, onde hibridizam-se linguagens, conectam-se novos espaços e, dessa forma, o ambiente soma as propriedades do ciberespaço. ANDERS, Peter. “Toward an Architecture of Mind”. In: *CAiiA-STAR Symposium: Extreme parameters. New dimensions of interactivity*. Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya, 2001.
- [3] Texto de introdução ao seminário Y+Y+Y Arte y ciencias de la complejidad (Arteleku, Y+Y+Y Arte y ciencias de la complejidad). Disponível em: < <http://www.arteleku.net/programa-es/y-y-y-ciencias-de-la-complejidad>>. Acessos em: 13 nov. 2012.
- [4] O dispositivo permite integrar e/ou hibridizar diversos elementos heterogêneos, possibilitando aos artistas maior liberdade em seus agenciamentos. Desse modo, o dispositivo pode ser tanto conceito da obra quanto instrumento de sua realização. DUGUET, Anne-Marie. Déjouer l'image. In: *Créations électroniques et numériques*. Nîmes: Edition Jacqueline Chambon, 2002.
- [5] Sobre este tema consultar também Juliana Monachesi. “Acaso30, entrevista com Gilberto Prado”. *ARS (São Paulo)*, São Paulo, 2005, v. 3, n. 6. (DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-53202005000200010>); ou ainda SANTOS, Franciele Filipini dos. *Arte Contemporânea em Diálogo com as Mídias Digitais: concepção artística/curatorial e crítica*. Santa Maria: Editora Pallotti, 2009.

- [6] LATOUR, Bruno and HERMANT, Emilie. *Paris: Ville Invisible/ Paris: invisible city*. Paris: Virtualbook, 1998.
- [7] “[...] meaning is not something created by the artist, distributed through the network, and received by the observer. Meaning is the product of interaction between the observer and the system, the content of which is in a state of flux, of endless change and transformation.” ASCOTT, Roy. “Is there love in the telematic embrace?”. In PACKER, Randall and JORDAN, Ken (ed). *Multimedia: from Wagner to Virtual Reality*. New York: WW Norton, 2001.
- [8] PRADO, Gilberto. *Arte telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuário*. São Paulo, SP: Itaú Cultural. 2003.
- [9] “[...] the environment map encompasses both the immediate, physical and urban surroundings we often walk by, our own actions and perceptions as pedestrians, and the cultural or ideological filter through which we see this experience”. O’ROURKE, Karen. *Walking and Mapping: artists as cartographers*. Massachusetts: MIT Press, 2013. p. xviii
- [10] PRADO, Gilberto. ‘Poéticas Digitais Group: Desluz and Amoreiras Projects’. *ARS (São Paulo)*, São Paulo, 2010, v. 8, n. 16. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1678-53202010000200008>>
- [11] PRADO, Gilberto. 2017. *Project Amoreiras (Mulberry Trees): Autonomy and Artificial Learning in an Urban Environment*. Advance online publication on Project MUSE: <[muse.jhu.edu/article/677464](http://muse.jhu.edu/article/677464)>. <[https://doi.org/10.1162/LEON\\_a\\_01577](https://doi.org/10.1162/LEON_a_01577)>.

- [12] PRADO, Gilbertto. *Agenciamentos - ZL Vórtice*. Production: TAL – Televisión América Latina. Coordenação do Simpósio: Nelson Brissac Peixoto, Ary Peres, Gilbertto Prado, Ruy Lopes. São Paulo: CeUMA, 2013. Video (29:27 min.), Son. widescreen, Color. Available at: <<http://www.youtube.com/watch?v=eas9zI-nZVw>>. Accessed: 09 Apr. 2017.
- [13] Gilbertto Prado e Claudio Bueno captaram imagens de rios da região amazônica durante expedições do “Projeto Água”, coordenado por Val Sampaio em 2010/2011. Ver também PRADO, G. Diário de Bordo. ARS (São Paulo), 2012, vol.10 no. 20 . DOI: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2012.64422>>